

Congresso pára tudo e desafia Governo

Edson Gês

Andrei Meireles

Num impasse sem precedentes na história recente do País, o Governo e as oposições entraram, ontem, em rota de colisão com sérios desdobramentos para as relações entre o Executivo e o Legislativo. As oposições, que não tinham em plenário a maioria absoluta necessária para derrubar o veto ao reajuste do salário mínimo, exigiram um recuo do Governo sob pena de paralisarem as atividades do Congresso Nacional. O presidente Fernando Collor não cedeu. As oposições à frente o PMDB e o PSDB — decidiram obstruir as comissões e todas as votações em plenário, paralisando a tramitação de, entre outros projetos, o Emendão, a reforma tributária, o reajuste salarial dos servidores públicos e o próprio Orçamento da União. “O presidente Collor, em hipótese alguma, cederá a este ultimato. Quem criou o impasse que o resolva, reagiu o deputado Humberto Souto, líder do Governo. “Com a ajuda dos governadores, vamos acionar um verdadeiro rolo compressor e aprovar os vetos à política salarial na próxima semana”, prometeu o líder do bloco governista, Ricardo Fiúza.

Mesmo com as posições radicalizadas, as lideranças governistas e de oposição reúnem-se, hoje pela manhã em busca de uma saída para o impasse. “Nossa arma é o ajuste fiscal”, afirmou o líder do PT, deputado José Genoíno, na expectativa de que o Governo ceda na política salarial para não prejudicar a aprovação de projetos fundamentais para a administração e para um acordo com o Fundo Monetário Internacional. O deputado Paulo Paim, do PT, tomou uma atitude pessoal de pressão contra o Governo: entrou em greve de fome e prometeu permanecer sem se alimentar no plenário até que o Executivo recue em sua posição.

Maioria

As oposições, após intensa mobilização, não conseguiram arregimentar a maioria absoluta. Cerca de 30 deputados do PMDB, por exemplo, não seguiram a orientação da Liderança e não compareceram à votação. Eles obedeceram aos governadores de seus Estados, que atenderam a apelo do presi-

dente Collor. O ministro Alcení Guerra, da Saúde, trabalhou em plenário a favor da manutenção do veto. O mesmo fez o ministro Jarbas Passarinho, da Justiça, que compareceu, pela manhã, ao Parlamento. A sessão do Congresso Nacional começou pela manhã, foi interrompida quando, num primeiro teste, as oposições constataram que não tinham forças para derrubar os vetos e forçaram a sua interrupção.

A tarde, quando a sessão foi retomada, um novo teste, num veto considerado não-prioritário para as oposições, foi feito. Mais uma vez, elas constataram que faltavam mais de trinta votos para obterem uma vitória. As esquerdas desde terça-feira propunham a obstrução do Congresso como represália ao Governo. O líder do PMDB, Genebaldo Correia, reuniu o colégio de líderes que decidiu endossar a proposta das esquerdas. A decisão teve o aval do presidente do partido, Orestes Quércia. O PSDB, que rompeu o namoro que vinha mantendo desde o início do Governo com o presidente Fernando Collor, somou-se aos demais partidos de oposição.

Negociação

Da tribuna, Genebaldo Correia comunicou ao plenário a decisão do PMDB de obstruir os trabalhos legislativos até que o Governo negocie uma nova política salarial. Todos os líderes de oposição foram, em seguida, à tribuna e informaram que seus partidos também fariam obstrução. Em meio à sessão, os líderes Ricardo Fiúza e Humberto Souto, preocupados, convidaram Genebaldo para uma conversa no fundo do plenário, quando tentaram demovê-lo da obstrução. Os deputados petistas José Genoíno e Aloízio Mercadante entraram na conversa que produziu apenas um resultado concreto: todos voltam a se sentar hoje à mesa de negociação em busca de uma saída para o impasse.

A primeira consequência da obstrução foi a interpcão da própria sessão do Congresso devido à falta de **quorum**. Hoje, quando há diversas atividades, reuniões e propostas a serem votadas na Câmara e no Senado, será o primeiro teste para a obstrução coletiva das oposições.



Derrotada na questão dos vetos à lei salarial, oposição agora vai obstruir todas as votações, congelando propostas de Collor